**PEDAGORREMOTO: IMPACTOS DO USO DE TECNOLOGIAS NA PRÁTICA DOCENTE DURANTE PERÍODO DE DISTANCIAMENTO SOCIAL**

Marcus Vinícius de Mattos Alvarenga[[1]](#footnote-1)

Isabela Rotha Evangelista[[2]](#footnote-2)

*“...é o tempo da travessia e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos...”*

Fernando Pessoa

O presente trabalho procurou observar os impactos do período de confinamento social para os professores da Educação Infantil e das primeiras séries do Ensino Fundamental. O isolamento decorrente dos avanços no número de casos e risco de contágio da COVID-19 geraram necessidade e adequações em todas as etapas da Educação de forma que as práticas de ensino foram mediadas remotamente e que somente aconteceram por conta do uso de recursos tecnológicos. Apresenta-se, portanto, um novo perfil de pedagogo: o peagorremoto que, alia na sua prática docente, as mais oportunas ferramentas para o aprendizado distanciado fisicamente.

1. **Pedagorremoto – o novo educador**

O ano de 2020 certamente ficará marcado pelo impacto da COVID-19 em todas as relações humanas que existiam até que ele chegasse. As políticas adotadas, sejam elas para prevenção, controle e possível cura do vírus, impactaram toda a população mundial e, mesmo que em dimensões diferentes, acabaram afetando as suas formas de relações sociais.

Já não se trabalha como antes. O lazer se transformou, as formas de comunicação foram afetadas e, obviamente, a educação se impactou profundamente durante o período taxado como “remoto” e os reflexos de todo este processo serão sentidos por várias gerações de educadores, familiares e educandos, após a retomada das vivências escolares como um todo.

O fato é, por maior conhecimento que se tivesse da ação do profissional de determinada área na realização do seu ofício, certamente se faz necessária uma releitura da mesma, diante dos impactos das situações causadas a partir do distanciamento social em si. Visando a reestruturação pela perspectiva educacional, de maneira geral, é possível se afirmar que todas as etapas do ensino foram afetadas, mas, certamente, aquela que deverá se reinventar com maior urgência será o Ensino Superior, visto a necessidade de ação do seu egresso no decorrer das práticas sociais da sua formação. Beira a leviandade imaginar que os componentes curriculares da formação docente permanecerão estagnados, uma vez que todo o cotidiano foi abalado.

Observando ainda, todos aqueles que reformulação suas práticas profissionais e a relação da mesma com o meio social, urge, com clamores existenciais à reestruturação humana, a reinvenção do profissional da Educação Básica, principalmente o novo professor das gerações que tiveram os primeiros contatos escolares abortados nos períodos de distanciamento, se relacionando com a escola e toda sua proposta de aprendizado a partir de meios remotos e digitais.

Historicamente atrasada e, muitas vezes, até com certa aversão aos adventos e avanços tecnológicos, o meio educacional se viu na necessidade de, em poucos dias, proclamar os meios digitais como ferramentas definitivas do aprendizado. O celular, por exemplo, se tornou, em todos os âmbitos escolares, uma das mais importantes ferramentas pedagógicas, tornando a inserção tecnológica no ensino um caminho sem possibilidade (e também sem necessidade) de retorno.

Por um lado, até certo ponto forçada, a inclusão dos meios tecnológicos contempla toda a imersão dos estudantes nativos digitais, ao mesmo tempo em que põe em cheque as metodologias de docentes e sistemas de ensino que pouco, ou nada, se atreviam na imigração digital. Ainda retomando o telefone celular como exemplo, pode-se dividir sua importância e relevância pedagógica em três grandes etapas.

A primeira delas, antes do período de afastamento social, o celular muitas vezes era utilizado escondido sob cadernos e carteiras pelos estudantes para uma eventual pesquisa ou comunicação através dos aplicativos de interação, como as redes sociais, sendo inclusive, taxado como proibido no estado de São Paulo pela Lei nº 12.730[[3]](#footnote-3), de 11 de outubro de 2007, posteriormente com seu texto alterado pela Lei nº 16.567, de 06 de novembro de 2017[[4]](#footnote-4), onde já se flexibilizava tal uso *“para finalidades pedagógicas”.*

O segundo momento se dá exatamente na necessidade de afastamento físico das escolas, transferindo, dentro do possível, todo o conteúdo escolar para os meios remotos e dando condições de se metaforizar o número de telefone do educando a um número de registro escolar e a manifestação do mesmo (ou de seus familiares, no caso da Educação Infantil), por meio de uso de ferramentas vistas como não pedagógicas, como o WhatsApp, por exemplo, tornando-se o rosto e a voz do estudante.

A terceira etapa, neste momento, ainda se trata de mera especulação, pois ainda não se concretizou nos calendários escolares até o presente momento, mas trata-se do retorno ao ambiente escolar. O fato é que, seja como, quando e onde for, o uso das tecnologias e dos meios digitais não poderão ser descartados, pois eles já serão parte existencial do aprendizado, da comunicação escolar e também da emancipação humana, que se dá a partir das relações oriundas da educação.

Observando melhor a segunda etapa citada acima, se faz necessário lançar o olhar cuidadoso acerca de alguns aspectos importantes, por exemplo, não se pode enxergar padrões nos tempos remotos. Pela heterogeneidade dos participantes do processo educativo, não se pode estabelecer nem um tempo e nem um momento com começo, meio e fim da mediação pedagógica. Aliás, não é errado se pensar em uma mediação virtual, muitas vezes *off line*, visto que cada um dos seus estudantes tem seu tempo e seu momento para o aprendizado.

Soma-se ao abortamento abrupto citado acima, toda a discrepância existente em um grupo de estudantes e educadores ao acesso das informações remotas, por conta de não obterem os meios tecnológicos para mediação e midiatização dos conceitos curriculares propostos e por não terem um mínimo de capacitação para se organizarem e perceberem que ferramentas de uso, até então puramente de interação social ou entretenimento, ganharam contornos pedagógicos e passaram a figurar entre as principais formas de mediação escolar.

Se simplesmente coubesse à Educação a transferência bancária[[5]](#footnote-5) dos conteúdos minimamente necessários para a compreensão de uma disciplina, seria difícil acreditar que todos estariam em condições iguais para retomada de propostas escolares cabíveis. Fica ainda mais nebuloso o cenário quando se imagina a necessidade de se construir os laços de cultura, convivência e emancipação do ser humano.

Percebendo, portanto, nos últimos parágrafos algumas das dificuldades educacionais para uma retomada ingênua da Educação e supondo, a imensa desigualdade criada nos âmbitos culturais e sociais a partir das práticas remotas de ensino, é de grande impacto negativo imaginar como um docente pode gerar autonomia do estudante em meio a esse quadro, ressaltando ainda a dificuldade que o mesmo encontra ao tentar se situar no mundo “ciber-educativo”, valorizando as interações do educando com o meio e apropriando-se da leitura de mundo do mesmo para gerar situações de aprendizados concretas e emancipadoras.

Por leitura de mundo pode-se explicitar o pensamento de Paulo Freire onde ler o mundo é uma forma de proclamar a própria percepção do mundo onde está inserido, perceber o quão importante são as interações com o meio para que essas possam ser, uma vez valorizadas, impulsionadoras e significadoras das leituras dos aprendizados escolares.

Se, por um lado, famílias se fecharam nas suas casas, mesmo que forçadamente, e tiveram que se abrir às práticas remotas, por outro não se pode mascarar, principalmente para os primeiros contatos das crianças com a Educação tida como formal, que ao abrirem navegadores e softwares para a interação remota, tiveram que, também de maneira forçada, se fechar para as interações sociais e, de certa maneira, interromperam suas práticas de leitura de mundo.

Percebe-se, portanto, que a leitura do mundo neste período está sendo feita a partir das janelas das casas e apartamentos confinados e isso afetará para sempre a leitura de mundo exposta nas janelas dos aplicativos usados para o desenvolvimento da educação remota. Daí, mais do que nunca, se faz necessária a ação do educador.

Desta forma busca-se apresentar neste trabalho a percepção do professor acerca dos reflexos e acometimentos da repentina obrigação de se imigrar para o uso dos recursos digitais como ferramentas de aprendizado e o quão impactante será esse período para o ensino da possível terceira etapa descrita anteriormente onde haverá, de alguma forma, a retomada do ambiente escolar com estudantes muito mais imersos nos meios de aprendizagem digital.

Por conta de aspectos formais, será realizado um recorte geográfico, buscando apresentar as percepções dos docentes da rede municipal de ensino das cidades de São João da Boa Vista, Espírito Santo do Pinhal, Aguaí e Vargem Grande do Sul, especialmente da Educação Infantil e séries iniciais o Ensino Fundamental, sobre as práticas tecnológicas existentes antes do período remoto, as interações e atividades educativas realizadas durante o distanciamento social e as projeções de como os recursos digitais utilizados para as práticas remotas irão impactar as interações de aprendizado no futuro. É importante captar a percepção docente acerca das desigualdades geradas por meio dos variados acessos aos recursos tecnológicos.

Não é intuito deste trabalho discutir se as políticas adotadas foram ou não assertivas, nem tampouco apontar os méritos e deméritos dos procedimentos adotados pelas instituições escolares, até porque, diante de tantas opções de trabalho remoto e, principalmente, pela variação nas metodologias e propostas criadas, muitas vezes inseguras do que seria possível ser realizado diante do desconhecido.

A intensão principal deste trabalho é perceber como a atual geração de pedagogos vai ser impactada pelo afastamento social nas suas interações, sejam elas imediatamente remotas e futuramente presenciais, de forma a valorizar o conhecimento preexistente a partir das relações do estudante com o meio e o outro, tendo em vista a ruptura das conexões físicas e a substituição das mesmas por interações remotas.

Não parece exagero pensar que é a Educação que irá traçar os trilhos do novo mundo. Todavia para se criar esse novo mundo é fundamentalmente importante perceber o que os protagonistas da Educação, sejam os educadores ou educandos, entendem dele. De maneira freiriana, pensar: qual a leitura de mundo que existirá nas mediações educativas após o mundo ter sido visto, enquadrado, da janela de um software ou aplicativo de celular.

1. **Procedimento da pesquisa**

Buscando alcançar os objetivos da pesquisa, foi criado um questionário para ser aplicado por meio virtual em um público alvo. Tal questionário consistia em cinco seções estruturadas no *Google Forms,* cada uma com objetivos distintos, totalizando 17 apontamentos, dos quais 15 eram obrigatórios e 2 facultativos. Estes últimos nos permitia uma possível identificação do participante.

A primeira seção buscava distinguir a atuação docente daquele que se propunha a colaborar com a pesquisa, tentando identificar a área (infantil, fundamental ou ambas), a rede (pública, particular ou ambas), o município e o tempo atuante na carreira docente. Esses apontamentos prévios auxiliaram na percepção das opiniões das diferentes categorias do público alvo, conforme descrito acima.

Para a segunda etapa do questionário eram elencadas ferramentas digitais e o docente pesquisado deveria apontar quais já utilizava antes do período remoto, quais passou a utilizar e, finalmente, se há interesse de futuramente, pós isolamento social, na manutenção do uso da mesma. Além das ferramentas como Google Classroom, Zoom e Meet eram apontadas as principais redes sociais: Facebook e Instagram e o comunicador WhatsApp. Havia também as opções que negavam os usos (ou possíveis usos) destes instrumentos, agora pedagógico, e a opção “outros” onde era possível mostrar aos pesquisadores outras opções de aplicativos de comunicação escolar.

A terceira etapa consistia no lançamento de frases onde o professor poderia graduá-las com conceito de 1 a 5, de acordo com seu grau de concordância. Cada frase procurava reforçar um aspecto da percepção do educador. Estes aspectos serão apresentados no próximo item deste texto onde serão melhor explanados os resultados obtidos pelo Pedagorremoto.

Finalmente, a quarta etapa solicitava que o professor assinalasse a frase que melhor representava a sua opinião, procurando, na interpretação dos dados, perceber os pontos de vista dos docentes acerca da tecnologia e suas aplicações no ensino remoto. Como dito anteriormente, a quinta etapa trazia, facultativamente, a intenção do professor de se identificar, caso houvesse interesse em receber os resultados da pesquisa. O questionário foi enviado a partir de um *mailing* do professor orientador aos profissionais da Educação da região estabelecida, obtendo 127 respostas em 48 horas.

Após a obtenção dos questionários preenchidos iniciou-se a apuração dos dados buscando perceber o impacto do período na prática docente em três aspectos estruturantes da pesquisa: as ferramentas que utilizavam e passaram a utilizar durante o período, as percepções do mesmo acerca do impacto que a situação criada gerou na Educação como um todo e as expectativas do mesmo com relação ao futuro.

1. **Resultados obtidos**
	1. **Ferramentas utilizadas**

Esta etapa da pesquisa procurou observar quais foram as ferramentas com maior inserção nas práticas educativas durante o período remoto e, por conta deste período ter se estendido até o término dos prazos propostos para a apresentação do trabalho e a confecção do artigo, procurou perceber, também, quais delas ainda poderão permanecer na prática docente após tal período na visão dos educadores.

No entanto, antes de serem analisadas algumas ferramentas, se faz importante observar que 22% dos entrevistados afirmaram não fazer uso de nenhuma ferramenta tecnológica na sua prática antes do período de isolamento social. Obviamente este valor zerou durante o período, afinal, todos tiveram que migrar suas práticas para atividades que, mesmo que fossem realizadas por meio de materiais impressos entregues nas casas dos estudantes – prática adotada por vários municípios – ainda haveria a necessidade e algum contato do professor e este só poderia ser realizado virtualmente. Ainda assim, 12% dos professores afirmaram que não utilizarão nenhuma ferramenta tecnológica pós período remoto.

No tocante a ferramentas específicas, se pode perceber melhor a variação dos períodos anterior e durante o Período Letivo Remoto (PLR) e a estimativa voluntária do próprio docente para possível permanência no uso após tal etapa a partir do quadro abaixo:

|  |  |
| --- | --- |
| Ferramenta | Percentual de docentes que admitiram o uso porEtapa do Período Letivo Remoto |
| Antes | Durante | Depois |
| Google Classroom | 7,9 | 36,2 | 26,8 |
| Zoom | 4,7 | 50,4 | 19,7 |
| Google Meet | 5,5 | 55,9 | 24,4 |
| Facebook | 37,8 | 55,9 | 39,4 |
| Instagram | 18,9 | 23,6 | 27,6 |
| WhatsApp | 44,9 | 86,6 | 61,4 |
| Telegram | 3,1 | 6,3 | 6,3 |
| E-mail | 44,9 | 59,8 | 38,6 |
| YouTube | 53,5 | 65,4 | 52,8 |
| Nenhuma | 22,0 | 0 | 11,0 |
| Outras | 14,2 | 20,5 | 18,1 |

Tabela 1 - Evolução das ferramentas tecnológicas utilizadas pelos docentes

A tabela acima pode diferenciar os aplicativos e mecanismos digitais em grupos distintos pela sua finalidade e, para cada caso, pode ser realizada uma interpretação diferente, conforme apresentado a seguir. Antes é importante ressaltar que muitas dessas ferramentas não eram dominadas por muitos docentes, principalmente por não haver necessidade de sua utilização na Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental.

O Google Classroom se caracteriza pela possibilidade de organizar arquivos em diversos formatos, além de possibilitar interação com cada estudante e facilitar a avaliação de tarefas, que podem ser inseridas no mesmo. Certamente será no futuro o melhor aproveitado pelo educador, principalmente quando se percebe a baixa variação de “abandono” daqueles que passaram a usá-lo nas práticas remotas.

Aplicativos como o Zoom e o Google Meet certamente foram preponderantes para os êxitos obtidos no período, o que explica sua grande inserção, se comparada a quantidade de usuários que a utilizavam antes do período e os que passaram a utilizá-la ter durante o isolamento (em ambos os casos um aumento de mais de 800%). Todavia haverá, também, uma queda acentuada do uso dessas ferramentas após o retorno às escolas. Certamente pro educadores que acreditam na baixa, ou nenhuma, necessidade de comunicação por vídeo chamadas, no futuro com o retorno das aulas presenciais.

As redes sociais também foram impactadas durante o período de confinamento, servindo como apoio pedagógico. Prova disso é o Facebook, que apresentou evolução na quantidade de usuários para fins pedagógicos. Evolução está que poderá ser regredida após o período, certamente por conta dos educadores que pretenderem retornar ao caráter mais pessoal e não profissional de seus perfis. Todavia, quando se analisa a evolução do Instagram, nestes períodos, se percebe franca evolução, que pode estar relacionado ao grande número de perfis com dicas e orientações escolares criados neste momento ou, simplesmente, pela maior aceitação e adesão de usuários à esta rede social.

O meio de comunicação mais incorporado na Educação, mediada remotamente, foi o WhatsApp. Tal fato pode ter ocorrido levando-se em consideração alguns motivos, tais como: maior número de usuários, variedade na transmissão de conteúdos como fotos, vídeos, áudios e documentos em geral, além da interação instantânea entre usuários. Mais de 85% dos professores pesquisados afirmaram fazer uso deste aplicativo durante o isolamento. Todavia foi sugerido que será absorvido por pouco mais de 61% do grupo pesquisado, o que já mostra um avanço significativo se comparado com o uso anterior ao período remoto. Com características próximas, porém com aceitação muito menor, está o Telegram e, embora venha crescendo rapidamente no seu número de usuários, ainda não consegue ter uma abrangência tão grande, ao menos na região e público pesquisado.

Cabe destaque, neste momento, o apontamento de “Outras” ferramentas, também com número expressivo de apontamentos e evolução durante o período estudado. A ideia de outra ferramenta destaca-se muito entre os professores da rede particular de ensino, pois muitos dos sistemas educacionais ofertados pelas escolas têm sistema de comunicação própria em suas plataformas digitais, com interações professor/estudante e, alguns, até com materiais virtuais de acompanhamento do aprendizado.

Ainda foi percebida a evolução de outras atividades e plataformas tecnológicas como o e-mail e o YouTube, também com o comportamento diferente das outras análises. Houve um crescimento do número de usuários durante o confinamento, porém estes índices de manutenção das ferramentas diminuíram, inclusive abaixo do percentual de usuários anterior do período remoto.

* 1. **Impacto**

Procurando perceber qual seria o impacto do período remoto na prática do docente foram apresentadas as cinco frases abaixo onde os docentes deveriam graduá-las em uma escala de 1 a 5 de concordância, onde 1 representaria a discordância absoluta com a afirmativa e 5 a concordância total. Eis as frases:

* Frase 1 – Na área que atuo, os estudantes têm total autonomia para trabalhar com os recursos tecnológicos.
* Frase 2 – As ferramentas tecnológicas motivarão os alunos em sala de aula.
* Frase 3 – Como educador, estou preparado/capacitado para esta nova metodologia.
* Frase 4 – Os responsáveis dos educandos estão preparados e possuem conhecimento para auxiliá-los nesta nova metodologia
* Frase 5 –. A escola está preparada para que o educador possa introduzir essas novas ferramentas em sala de aula.

A tabela abaixo procura apresentar a graduação do índice de concordância em um cenário global, sem a distinção das redes e etapas de ensino, com a percepção dos docentes que preencheram o questionário.

|  |  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- | --- |
| Índice de concordância | Frase 01 | Frase 02 | Frase 03 | Frase 04 | Frase 05 |
| 1 | 37,9% | 6,9% | 9,5% | 32,8% | 41,4% |
| 2 | 14,7% | 7,8% | 17,2% | 36,2% | 25,0% |
| 3 | 31,9% | 29,3% | 29,3% | 19,8% | 21,6% |
| 4 | 6,9% | 19,8% | 27,6% | 6,9% | 6,9% |
| 5 | 8,6% | 36,2% | 16,4% | 4,3% | 5,2% |

Tabela 2 - Índice de concordância dos educadores nas frases estabelecidas

Buscando compreender possíveis aspectos divergentes entre os educadores, cada uma destas frases foi estudada procurando perceber objetivos distintos e analisadas por meio de dois recortes categóricos: se o professor pertencia à rede pública ou particular de ensino e se este atuava na Educação Infantil ou nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

A “Frase 1” citada acima procurava perceber se o professor identificava a autonomia do estudante nas participações interativas e práticas educativas remotas. Essa percepção foi bastante díspar entre as redes: enquanto a maioria dos professores da rede pública (45%) assinalaram total discordância com a frase, na rede particular a maioria (46%) concordou totalmente com a afirmação. Já entre etapas de ensino o resultado foi bastante parecido pois, em ambos os casos, a média das respostas ficou na graduação 2,33 (escala de 1 a 5) e a moda entre as opções de graduação foi 1.

Os resultados mostram que, mesmo havendo disparidade entre as percepções da rede pública com a particular, os professores não percebem autonomia dos estudantes. Provavelmente o motivo disso está na baixa faixa etária dos mesmos e na ideia de que a ausência da mediação presencial pode comprometer tal processo.

Procurando elucidar que as tecnologias necessitam ser inseridas no contexto educacional por perceber que as mesmas já fazem parte do dia a dia das crianças, em seus meios sociais, se fez a pesquisa da afirmativa da “Frase 2” encontrando resultados bastante favoráveis, uma vez que os professores das duas redes concordam totalmente com a afirmação. Mais de 85% dos pesquisados apontam um índice de concordância superior à 3, o que corrobora com a ideia de que o período remoto aumentará o entusiasmo dos estudantes para o uso das ferramentas tecnológicas para a Educação. Esta percepção também é bastante parecida quando comparadas as diferentes fases do ensino, sendo negada por apenas 5% dos professores da Educação Infantil e por 7% do Ensino Fundamental.

A rapidez na necessidade do confinamento social e o advento da educação remota causaram poucas possibilidades de capacitações imediatas dos docentes que, em muitos casos, tiveram que aprender o uso de algumas delas de maneira autodidata. Tal afirmação fica mais clara quando se percebe que aproximadamente 30% dos professores pesquisados afirmam não concordar com a “Frase 3”, ou seja, não se sentiram preparados ou capacitados para a nova metodologia de ensino.

Entre os professores dos diferentes níveis de ensino não há dissonância nos apontamentos. Todavia os professores da rede privada acreditam estar mais aptos para o trabalho remoto do que a rede pública. Certamente isso acontece por conta da própria ambientação do docente da escola particular nas ferramentas e orientações pedagógicas com uso de tecnologia preexistentes nos materiais das escolas que atuam.

A “Frase 4” procura compreender se, para o professor, a família estava conseguindo colaborar com as práticas educativas durante o isolamento social. Os resultados obtidos revelaram uma descrença muito grande por parte dos mesmos, atingindo aproximadamente 35% de respostas de total discordância entre os professores da rede pública e pouco mais de 4% de concordância total para o mesmo grupo. Entre as etapas da Educação também fica nítida a percepção dos docentes acreditando no despreparo familiar para auxílio do estudante neste período: tanto na Educação Infantil quanto no Ensino Fundamental os índices de concordância 4 e 5 não atingiram, mesmo somados, nem 12% dos grupos pesquisados.

A incredulidade do professor acerca do preparo da família se justifica devido, também, ao pouco tempo de adequação das famílias as práticas educativas estabelecidas, uma vez que, literalmente, da noite para o dia se passou a praticar a educação remota.

Acreditando que, em um possível retorno, haverá a necessidade de inserção de ferramentas tecnológicas no dia a dia escolar, foi lançada a “Frase 5”, que mostrou pouquíssima crença do educador no preparo da escola, principalmente na rede pública, onde apenas 2% dos docentes acreditam que a mesma estará preparada para a inserção das ferramentas. Um gigantesco contraste com o percentual de 42% dos educadores que discordaram totalmente da frase. No comparativo entre as opiniões das etapas de ensino, apenas 1,7% dos educadores concordaram totalmente com a frase sugerida.

* 1. **Futuro**

Após realizados os questionamentos acerca das ferramentas e os impactos de percepção do docente sobre o período remoto, foram apresentadas, no questionário virtual, três questões onde deveria ser assinalada, entre as opções, a alternativa mais condizente com o pensamento do educador.

A primeira delas procurava perceber o quanto o mesmo acredita que seus estudantes têm acesso aos meios digitais de ensino propostos no período remoto e cada alternativa apresentava uma variação de 25% de acesso. O gráfico abaixo explicita os resultados obtidos mostrando que a grande maioria do grupo pesquisado (31,03%) acredita em um baixo percentual de acesso do estudante: menos de 25% de acesso.

Gráfico 1 - Percentual de acesso aos conteúdos

O penúltimo apontamento do questionário consistia ao educador assinalar, a partir de seis frases, a opção que melhor sintetizava sua percepção sobre as tecnologias e o período de isolamento social, procurando perceber o grau de otimismo e de aceitação das ferramentas tecnológicas nas práticas docentes atuais e futuras.

A frase que esboçava maior otimismo do educador foi, também, a mais assinalada. Com 33% dos apontamentos, “o uso das tecnologias durante esse período me oportunizou grandes avanços para a docência futura” promoveu a visão do educador que sabe, sim, do seu papel transformador, social e educacional, mas também percebe que a adversidade da migração repentina para contextos virtuais trouxe aprendizados e avanços, itens essenciais para a prática docente.

A segunda frase estabelecida no grau decrescente de otimismo foi “não será possível ignorar o uso das tecnologias no retorno presencial”, sendo escolhida, por 15% dos pesquisados que enxergam a inserção definitiva das ferramentas digitais e tecnológicas na prática pedagógica.

Outros 21% assinalaram que “houve um avanço gigantesco na aceitação da tecnologia na Educação e a retomada exigirá a implantação das tecnologias” e, embora já tenham aceitado a inserção da tecnologia, a percebem como uma exigência do futuro contexto escolar.

Após as frases mais otimistas, foram apresentadas frases com menor teor de otimismo e/ou descrença dos benefícios da tecnologia na escola. Com 14% dos apontamentos obtive-se a seguinte opinião: “mudei completamente meu pensamento sobre tecnologia na Educação. Não será possível mais ignorá-las”. Tal afirmação mostra um educador em transformação, mas que anteriormente ignorava ou não apoiava o uso da tecnologia para o aprendizado.

Embora 12% tenham optado pela frase “a tecnologia se fez útil durante o afastamento social, mas tudo voltará a ser como antes” a escolha desta frase sugere um educador que ainda acredita que a tecnologia não impactará na retomada das práticas escolares em uma eventual retomada e ainda busca um retorno para um contexto educacional pré-pandemia.

Finalmente os últimos 5% fizeram opção pela sexta frase, sendo esta a que menos revela uma percepção otimista onde se afirmava que “foi muito difícil se adaptar ao uso da tecnologia durante esse período. Espero que tudo volte a ser exatamente como antes”. Nesta afirmação se percebe, além das dificuldades que o docente encontrou para sua prática durante o confinamento, uma esperança de retorno exatamente a tempos anteriores, onde a tecnologia não era tão preponderante para suas práticas de ensino.

Vale ressaltar que esta pesquisa foi realizada entre os dias 19, 20 e 21 de junho e o confinamento social se iniciou, na maioria das escolas, no dia 16 de março, ou seja, quase 100 dias corridos desde o início do período remoto.

Finalizando os apontamentos no questionário *on line*, os educadores eram convidados a assinalarem a alternativa que melhor representasse suas expectativas com relação a um eventual retorno presencial. Neste contexto, 8% creditaram à tecnologia um aspecto salvador do ano letivo, assinalando que “a tecnologia salvou a educação do ano de 2020”. Outros 21% dos pesquisados assinalaram a opção que dizia “não vejo nenhuma possibilidade de retorno imediato. Ainda seguiremos no meio virtual por todo o ano letivo”. Em ambos os casos se percebe uma aceitação, da tecnologia e baixíssima perspectiva do retorno físico.

A maioria dos educadores pesquisados (41%) optou pela afirmação de que “haverá ainda bastante tempo até o retorno presencial e, certamente, ao retornar as ferramentas digitais ainda se farão necessárias” mostrando, que a tecnologia utilizada no período remoto impactou completamente a conceituação das práticas educativas.

A desigualdade social que pode ser criada a partir da diferença de acesso tecnológico fez com que 27% dos professores pesquisados optassem pela afirmação que “a discrepância social dos estudantes, por não terem acesso às tecnologias, gerará a necessidade de uma reorganização dos estudantes nas séries iniciais necessárias”, mostrando que as organizações atuais dos estudantes nas séries em que estão matriculados, necessita ser revista por conta do problema de acesso aos conteúdos mediados por meios tecnológicos.

Finalmente, apenas 3% dos pesquisados, afirmaram acreditar que “logo estaremos exatamente como estávamos antes do afastamento social”, ou seja, acreditando que não houve nenhum tipo de evolução ou inserção de novas oportunidades de mediação na sua prática escolar e que este período pouco ou nada impactará no futuro escolar.

1. **Considerações finais**

Com o período de contenção social, a comunidade escolar se deparou com o surgimento de uma inovadora maneira de educar que aqui foi apresentada com o neologismo PEDAGORREMOTO. Embora o desafio desta realidade educacional tenha surgido de forma tão inesperada à todos, gestores, educadores e educandos, não será possível o retrocesso neste processo de evolução, no sentido de introdução de novas mídias no cotidiano escolar.

Neste primeiro momento, já se depara com vários obstáculos, conforme aponta esta pesquisa realizada junto aos profissionais da educação: a resistência de alguns educadores perante este tipo de inovação, a negatividade diante de um novo desafio, a jornada pelo desconhecido (em termos tecnológicos), falta de recursos das famílias, escola e governo, falta de capacitação (tanto de educadores quanto de educandos) pois ambos deverão apreender e se adaptar a esta nova tecnologia.

Diante dos cenários expostos nesta pesquisa se faz relevante citar GADOTTI (2019) que ressalta que:

A escola nem sempre acompanhou os avanços tecnológicos:

1º resistiu à máquina de escrever porque substituía o exercício da caligrafia;

2º resistiu à calculadora porque supostamente atrapalharia o cálculo mental;

3º resistiu ao rádio, ao vídeo, à TV, ao computador.

4º e hoje tem dificuldade em aceitar o celular como ferramenta pedagógica.

Ainda concordando com Moacir Gadotti, a inserção da tecnologia na Educação é algo conservador, pois faria com que fosse necessário reconfigurar o modo de pensar a Educação. Contudo, o momento atual fez com que a tecnologia acometesse o sistema educacional de forma abrupta e voraz.

Nunca houve momento tão oportuno para que os recursos tecnológicos fossem implantados de maneira abrangente em todas as etapas de ensino e interações pedagógicas, porém tratar a tecnologia na Educação não pode ser visto como otimizar o acesso a aparelhos, softwares e aplicativos, nem tampouco como a simples comunicação de conteúdos de maneira automática, mesmo que haja interações ao vivo e inúmeras atividades síncronas.

É notório, pelos dados levantados, que a maior parte dos docentes está propensa à inserção tecnológica, mas é necessário enxergar a mediação pedagógica como algo que supere a educação bancária de conteúdos abordados de maneiras mecanicistas. Mesmo remotamente se faz necessário valorizar a leitura de mundo dos estudantes e, de maneira freiriana, compreender que a leitura de mundo é a proclamação da percepção do estudante do meio em que está inserido, sua realidade, pontos de vistas e opiniões.

A leitura de mundo precede a leitura da palavra e a leitura do número. De nada adianta a inserção tecnológica se esta não souber valorizar as percepções preexistentes nos estudantes e isso deve acontecer desde a pré-escola até a pós-graduação. Mesmo que haja todo aparato digital, de nada adiantará a inserção tecnológica, sem contexto e participação efetiva dos educadores.

As novas gerações já estão emergidas na tecnologia desde seu nascimento e, não podem encontrar na escola, um retrocesso a essas práticas, pois isso pode representar uma grande frustração e não aceitação da proposta escolar. Isso se dá, tanto para os atuais estudantes quanto para os futuros educadores, já nativos digitais.

A percepção de Gilberto Dimenstein em seu diálogo com CORTELA (2015) ilustra bastante a percepção dos autores deste artigo acerca do papel da escola, pois ele afirma “ela vai continuamente se distanciando dos estudantes, porque cada vez mais eles estão no tempo real e a escola não, além do fato de que ela não sabe traduzir os currículos do passado para o presente”. Isso não significa destruir a escola dos dias atuais mas, se apropriar do momento remoto que já impactou estudantes, docentes e gestores para a construção de uma nova prática.

Haverá plena necessidade de reestruturação em todos os níveis. Outro fator a ser considerado, aliás que deve ser muito bem analisada e pensada com muito carinho, respeito e consideração, é a heterogeneidade e particularidade de cada educando, incluindo-se os educandos com características especiais, a saber os autistas, deficientes auditivos, síndrome de Down, etc.

Certamente a construção do novo mundo passa e, inclusive, se inicia pela Educação. A geração de estudantes impactada pelo período remoto será inteiramente diferente de todas as outras existentes até os dias atuais e terá papel fundamental para as construções futuras. A formação do novo educador também deve estar conectada com a nova configuração que se iniciou, pois será o novo educador o protagonista desta transição.

O fato é que a reinvenção mais uma vez será necessária para toda a Educação e, certamente há uma grande oportunidade dos educadores se tornarem os grandes protagonistas deste novo processo educativo que se apropria da tecnologia e se propõe, cada vez mais, a promover a emancipação do educando, independente da faixa etária do mesmo. O novo mundo emerge com um novo educador!

Sabemos que serão inúmeros os desafios a serem enfrentados, pois o novo sempre causa estranheza e apreensão, num primeiro momento, mas a pergunta que cabe, agora que já está instalada esta inovação em nossos cotidianos escolares é: como e qual a melhor maneira de desenvolver o PEDAGORREMOTO, para que ele seja visto como aliado e não como adversário no processo de educar.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

CORTELLA, Mário Sérgio. A era da curadoria: o que importa é saber o que importa!. Campinas, Papirus, 2015.

FREIRE Paulo. Ação cultural para a liberdade. 12ªed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2007.

GADOTTI, Moacir. A escola dos meus sonhos. São Paulo, Instituto Paulo Freire, 2019.

PASSOS, Luiz Augusto. Leitura do Mundo in STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, e (Orgs). Dicionário Paulo Freire.1ªed. Belo Horizonte, Autêntica, 2008. p.240-242.

1. Mestre em Educação – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino – UNIFAE – marcus@fae.br [↑](#footnote-ref-1)
2. Graduanda em Pedagogia – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino – UNIFAE - isabelarothaevangelista@gmail.com [↑](#footnote-ref-2)
3. <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/2007/original-lei-12730-11.10.2007.html> [↑](#footnote-ref-3)
4. <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/2007/lei-12730-11.10.2007.html> [↑](#footnote-ref-4)
5. Entende-se por bancária a existência de uma proposta pedagógica inibidora do poder de criação dos estudantes, realizando a transmissão de conteúdos baseada na memorização, na verbalização de termos e conceitos e no simples depósito de conteúdo sem significação ao estudante. Na perspectiva freiriana (adeptos ao pensamento e obra do autor Paulo Freire), a educação bancária tem o propósito de manter a imersão, a reprodução da consciência ingênua, da criticidade. [↑](#footnote-ref-5)